

NOTAS SOBRE O "QUARTIER BRÉSIL" NO DAOMÉ

JULIO SANTANA BRAGA, DO SETOR DE ESTUDOS SOCIOLOGICOS E ANTROPOLÓGICOS DO CEAQ.

O retorno dos africanos, escravos e emancipados, à sua terra de origem, explica-nos Pierre Verger (1), "foi o resultado de uma dupla influência: uma, voluntária e espontânea, causada pela fidelidade à terra de onde tinham sido apancados contra a sua vontade; a outra, passivamente sofrida e involuntária, foi provocada pelas medidas tomadas pela policia após as revoltas e agitações dos africanos, escravos emancipados".

Estes escravos e emancipados, "abrasileirados, abaianados, aportuguesados em vários dos seus hábitos, gostos, costumes e até vícios", segundo a expressão de Gilberto Freyre (2), a partir da segunda metade do Século Dezenove, principalmente após a "Revolução dos Malês" em 1835, retornaram em grande quantidade à África e se instalaram nos portos da "Costa dos Escravos" sobretudo em Uidá, Agüê, Pôrto Novo e Lagos (3).

Nina Rodrigues (4), que presenciou o embarque de alguns desses escravos em 1897, escreve: "Foi presa de bem profunda emoção que assisti em 1897 uma turma de velhos Nagôs e Haussas, já bem perto do termo da existência, muitos de passo incerto e cobertos de alvas cãs tão serôdias na sua raça, atravessar a cidade em alvoroço, a embarcar para a África, em busca da paz do túmulo nas mesmas plagas em que tiveram o berço. Dolorosa impressão a daquela gente, estrangeira no seio do povo que a vira envelhecer curvada ao cativo e que agora, tão alheio e intrigado diante da ruidosa satisfação dos inválidos que se iam, como da recolhida tristeza dos que ficavam, assistia, indiferente ou possuído de cênica curiosidade, aquêl emociante espetáculo da restituição aos penates dos despojos de uma raça destrocada pela escravidão". E conclui Nina Rodrigues: "Mas a êles que, moços e vigorosos, aqui deviam ter aportado com o ódio no coração, quantas desilusões não reserva ainda esta tardia e gélida peregrinação da velhice? A África real jamais poderá realizar,

(1) Verger, Pierre (1) in *Flux et Reflux de la Traite des Nègres — entre le Golfe de Bénin et Bahia de Todos os Santos, du XVII^e au XX^e Siècle*, Paris, 1968, p. 599.

(2) Freyre, Gilberto in *Problemas Brasileiros de Antropologia*, 3.^a ed., Rio de Janeiro, 1962, p. 268.

(3) Verger, Pierre (2) "Retour des Brésiliens au Golfe du Bénin au XIX^e Siècle" in *Etudes Dahoméennes*, n.º 8, p. 8.

(4) Rodrigues, Nina in *Os Africanos no Brasil*, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1932, p. 151-152.

para a geada invernos dos pobres velhos, a sorridente primavera a que a imaginação escaldada da mocidade estivera a emprestar, durante todo o longo martírio do cativo, doçuras e encantos de pura fantasia”.

“Amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia” (5), falando a língua portuguesa do Brasil (6), portanto, portadores de idéias novas, chegando em África esses ex-escravos transformaram-se em comerciantes — alguns chegaram a fazer consideráveis fortunas — alguns mesmo negreiros eles próprios; no Daomé se estabeleceram principalmente em Uidá, que fôra por muito tempo a “Capital econômica” do Daomé. Formaram uma sociedade brasileira no Golfo de Benim (7) e gozaram por muito tempo de um relativo prestígio social e intelectual, mal vistos, às vezes, pelos nativos do País, pois se consideravam em relação a estes últimos mais civilizados.

São conhecidos por “brésiliens” ou mais comumente por “agudá” (8), termo indígena que, segundo Paul Hazoumé (9), designa o homem de uma indolência vaidosa, pois eram os únicos que se faziam transportar nos ombros pelos indígenas quando chegavam às praias de Uidá e constituíam uma fonte extra de rendas para aquêles. O termo foi, em princípio, aplicado aos portugueses e, por extensão, aos “brésiliens”.

É possível que a palavra *agudá* usada entre os iorubás da Nigéria Ocidental para designar *portugueses, brasileiros e católicos*, seja uma modificação de *ajuda* (que se encontra em Fon, em *ajudagbe*; língua portuguesa e *ajudagbeto*; crioulos de origem portuguesa ou brasileira) que segundo Maurice Delafosse in *Manuel Dahoméen*, era pronunciada pelos nativos: *adjuda* ou *aguda* (*Adjouda* ou *Agouda*, na transcrição francesa).

Do ponto de vista fonético, seria possível a fricativa palatal sonora, ortograficamente representada em português por -j-, ter sido entendida pelos nativos como africada palatal sonora — daí a transcrição *adjuda*, fonema comum às línguas Ewê, Fon e Ioruba, da área de África que falamos, mas, segundo ainda Delafosse, em Fon do Daomé, “c’est une articulation médiane entre le *d* mouillié et le groupe *dj*”. Ex. *ajoto*, “marchand”, pronunciada entre *ajeto* e *adjoto*. Assim sendo, a palavra, portuguesa *Ajuda* teria sido ouvida *Adjuda* ou *Adyuda* (observar que em francês ficou *Ouidah* e, por influência desta, *Widdah*, em inglês) o que poderia ter motivado a dissimulação da fricativa palatal sonora *j* (em português) numa oclusiva velar — *g* —, por influência também da vogal pos-

(5) Freyre, Gilberto — ob. cit. p. 269.

(6) Castro, Yeda Pessoa de — “Notícias de uma Pesquisa em África”, in *Afro Asia* n.º 1,; Publicação Semestral do C.E.A.O. da Universidade Federal da Bahia, dez. 1965, p. 41.

(7) Verger, Pierre (1) ob. cit. p. 600.

(8) Abraham, R.C. in *Dictionary of Modern Yoruba*, University of London Press, First Published 1958, escreve para o verbete “agudá” (a) Catholics, (b) Portugueses, (c) Brazilians; (i.e. African returned from slavery in Brazil.)

(9) Hazoumé, Paul — “Noms donnés aux Européens à Ouidah” in *Bulletin de l’Enseignement*, A.O.F., n.º 33, juin., 1937.

terior bilabial fechada — u —. Esta despalatalização, vamos dizer, observamos também nas palavras portuguesas (ou brasileiras) que se passaram para o Fon, entre outras *cavi* de *chave* segundo registrou ainda Delafosse (p. 136).

Históricamente é perfeitamente admissível tal hipótese. A palavra portuguesa *Ajuda* sob a forma Fon *Adjuda*, oxítono por influência francesa, teria emigrado para a zona nagô-iorubá onde modificou para *aguda*. assim registrado em todos os dicionários da língua *.

Esses antigos escravos, exportados ao Brasil e repatriados, se estabeleceram em grande parte, como veremos mais adiante, em um "quartfer" da cidade de Uidá, o qual recebeu o nome de "Quartier Brésil" (10).

É imprecisa a data da fundação do "Quartier Brésil". Em um *Rapport de Cercle de Ouidah* de fevereiro de 1909 (11), lê-se que o "Quartier Brésil" foi criado em 1787 por Francisco Félix da Souza, amigo do Rei Ghezo, o qual lhe deu, com alguns escravos, os de nome Dossou-Yovo, como intérprete, e Adjovi, como chefe dos demais. Por outro lado, Gavoy (12) diz ter sido criado em 1818, o que é mais provável, uma vez que o Rei Ghezo reinou de 1818 à 1858, e sabe-se que quando da sua ascensão ao trono de convidou o seu grande amigo Francisco Félix de Souza, cuja amizade tinha sido selada por um pacto de sangue (13), a se instalar em Uidá. De toda maneira, os autores são unânimes em afirmar que o "Quartier Brésil" foi criado por Francisco Félix da Souza, o Xáxá, cuja alcunha tem sido objeto de diversas interpretações etimológicas.

Um trecho da obra de J. Duncan (14) (*Travels in Western Africa*, London, 1847, T. I., p. 137), constitui uma das primeiras notícias sobre a vida, hábitos e costumes dos "brésiliens" em Uidá.

"A parte portuguesa de Uidá, onde estão estabelecidos os "brésiliens", escreve esse autor, "ultrapassa em toda acepção do termo a parte inglesa e a parte francesa. Isto pode ser atribuído à superioridade de seus conhecimentos em agricultura e em economia doméstica e conforto. Eles possuem um grande número de pequenas fazendas muito bem cuidadas; são muito mais aseados em suas vestimentas e em aparência física do que aqueles que jamais deixaram a sua pátria na condição de escravos.

(*) Desejo agradecer à Prof.^a Yeda Pessoa de Castro, do Setor de Estudos Linguístico do CEAQ, pela sua contribuição na redação dos parágrafos acima.

(10) Ademais em Lagos, na Nigéria, existe o "Brazilian Quarter" onde residem muitos dos descendentes de ex-escravos brasileiros. Devido ao amor ao trabalho e outras razões o governo inglês quis ajudar o repatriamento dos ex-escravos brasileiros. Ver sobre este assunto, Castro, Guilherme de Souza, — "Um Documento Sugestivo", (*Jornal da Bahia*, 23 dez. de 1962 e Verger, Pierre (1) — ob. cit. p. 599.

(11) Arquivos de Pôrto Novo, Daomé.

(12) Gavoy, "Notices Historiques sur Ouidah", in *Etudes Dahoméennes*, n.º 13, 1955, p. 45 — IRAD — Daomé.

(13) Hazoumé, Paul — "Le Pacte de Sang au Dahomey", *Tr. et Mem. de l'Institut d'Ethnologie*, vol. XXV, Paris, 1937.

(14) Trecho citado por Pierre Verger (1), ob. cit.

"O campo, a 10 ou 12 milhas em tórno de Uidá, é muito interessante: o solo é bom, plano e, em diversos lugares, cultivado pelas pessoas de volta do Brasil... Eu soube que muitos dentre eles tinham sido expulsos do Brasil porque estiveram envolvidos em uma tentativa de revolução contra seus "Senhores". Eles formam, de longe, o povo mais trabalhador dos que eu já encontrei aqui. Diversas fazendas bellissimas, a 6 ou 7 milhas de Uidá, estão em bom estado de cultivo. As casas são limpas e confortáveis e estão situadas nos pontos mais belos que a imaginação possa alcançar. É muito agradável encontrar, de maneira inesperada, uma casa onde se é recebido à maneira européia (antes à maneira brasileira, podemos acrescentar) e convidado a aceitar um refrêscó".

Segundo um levantamento estatístico mencionado no *Rapport de Cercle de Ouidah* já citado (15), a população do "Quartier Brésil" era de 1490 habitantes em 1909, e de 2.316 em 1940, conforme indicação de Merlo (16).

Em 1899 (17) o Governador da Colônia tenta dividir o "Quartier Brésil" em duas partes. A parte habitada pela família Souza seria denominada "Quartier Chacha"; a segunda parte, habitada pela família Quénum, traria o nome de "Quartier Quénum". Embora os documentos oficiais, a partir de então, registrem os nomes de "Quartier Chacha" e "Quartier Quénum", a população continuou a chamar de "Quartier Brésil" a esta área de Uidá, onde ainda se encontram instalados muitos dos descendentes de brasileiros.

"É o "Quartier civilizado", escreve Gavoy em 1955 (18), aquêlle das recordações o "Quartier dos Chachás". Atualmente ainda todos os habitantes dependem mais ou menos dos da (sic) Souza.

"Foi criado em 1818 por Francisco Félix da Souza (Chacha Adjinakou), que se instalou primeiro em casa do Sr. Nicolas Olivier (sic) (19), enquanto se construía o seu Tata (20) de Adjido (21).

"Investido pelo Rei de uma espécie de Vice-Realeza em Uidá, onde nada se fazia sem sua ordem ou sem a sua autorização, Francisco Félix da Souza fêz construir os "Quartiers "Brésil e Maró", sua alcunha tornou-se um título que passou depois da sua morte para o seu filho Isidore (22) que lhe sucedeu na sua dignidade hereditária.

(15) Arquivos de Pôrto Nôvo, *Rapport de Cercle de Ouidah*, fev. 1909.

(16) Merlo, Christian — "Hierarchie Fétichiste de Ouidah" in *Bulletin de l'Inst. Français d'Afrique Noire*, t. II, n.ºs 1 et 2, Janvier-Avril, 1940, p. 1.

(17) Arquivos de Pôrto Nôvo. (Correspondências de Ouidah).

(18) Gavoy, ob. cit., p. 45.

(19) Nicolas Oliveira foi enviado pelo Rei Ghezo junto a Francisco Felix da Souza para o convidar a se instalar em Uidá: Souza, Norberto Francisco da — "Contribution à l'Histoire de la Famille da Souza" in *Etudes Dahoméennes*, n.º XIII, 1955, p. 19.

(20) Tata — conjunto residencial.

(21) Do português "(Deus me) ajudou"; nome de uma vila fundada por Francisco Felix da Souza: Souza, Norberto F. da, ob. cit., p. 18.

"Chacha Adjinkou fêz construir um imenso Tata, ainda hoje erguido, que foi dividido em duas partes pela rua "de la Gare" (Rua da Estação). Ele residia em um Tata, hoje em ruínas, chamado *Akamahoué* (22); sua casa se chama Singbomey (23a), e o conjunto inteiro Adjido".

Em 1949, foi comemorado o centenário da morte do primeiro Xáxá, Francisco Félix da Souza, por iniciativa de Norberto Francisco da Souza, o sexto Xáxá, chefe do "Quartier Brésil" naquela época.

Norberto Francisco da Souza, "Chevalier de la Legion d'Honneur", nasceu em Uidá em 1876, viveu grande parte da sua vida em Abomey (Capital histórica do Dahomey) e faleceu a 8 de janeiro de 1956. Em 1917 foi escolhido como o sexto Xáxá de Uidá, e em 1936 assumiu as responsabilidades de chefe do "Quartier Brésil".

Quando da ocasião das exéquias de Norberto Francisco da Souza, M. Colombani, então Administrador-Chefe de Uidá, proferiu um discurso enaltecendo a pessoa daquele que em vida foi amado por todos e soube condignamente preservar as tradições da sua, tão importante família. Eis aqui alguns trechos desse discurso, valioso documento para a história da família "da Souza", ainda por fazer:

"Assim, quando em 1936, a reorganização da cidade conduziu a administração a procurar um chefe capaz de dirigir este "Quartier" (Brésil) foi a ele a quem se fêz o apêlo. Integrado no *corpus* dos chefes de distrito, onde êle devia alcançar todos os graus, M. Norberto Francisco da Souza, abandonando para sempre a velha cidade real (Abomey), veio se fixar na casa de seus ancestrais onde, com uma imutável solicitude, realizou os deveres do seu cargo e do culto aos grandes mortos reunidos nesta necrópole de Singbomey (em pleno coração do "Quartier Brésil") que, hoje, vai recebê-lo por sua vez.

"Grande, delgado, barbeado, naturalmente elegante no seu eterno *kaki*, rosto fino sombreado pelas largas abas do seu chapéu brasileiro, M. Norberto da Souza era o protótipo desta raça transplantada de um lado para o outro do Atlântico, que forneceu ao Daomé tantos elementos de valor. Polido até o refinamento, sensível à menor atenção, ansioso infatigável, eu sempre o conheci com a mais inteira afabilidade em relação aos numerosos estrangeiros, de passagem, desejosos de ver, a toda hora do dia, sua casa, seu museu, seus túmulos, o que êle possuía de mais caro no mundo" (24).

(22) Isidore foi enviado muito jovem ao Brasil (Bahia) onde fêz seus estudos e o serviço militar.

(23) Akamà (akama) do português *cama*; houé (Xué): casa; Akamahoué: casa da cama, a casa de repouso. Segurola, R. P. B., *Dictionnaire Fon-Français*, II vol., Cotonou, 2.ª Ed. 1968, p. 39 e 599.

(23-a) Singbomey — casa de um andar.

(24) Hazoumé, Alphonse — "Chacha n'est plus" in *France-Dahomey*, n.º 5, 17/1/1956, p. 4.

Lê-se no *Rapport Annuel de 1912 de Cercle de Ouidah* ⁽²⁵⁾, na parte referente à população desta cidade: "No "Cercle de Ouidah", efetivamente, distingue-se de uma parte os autóctones, espalhados em todas as direções; o elemento daoméano, gente que veio de Abomey após a conquista do País e que o Rei do Daomé havia colocado em certas regiões, sobretudo nas grandes aglomerações, ou como vigilantes ou como usufrutuários do solo de que êle dispunha à sua vontade.

"Por ordem numérica, vem em seguida o elemento brasileiro, assim chamado porque descendentes dos antigos escravos exportados para o Brasil e repatriados, estabelecidos em um "quartier", o "Quartier Brésil"; o elemento português, descendente dos antigos traficantes portugueses, enfim, a população flutuante das lagunas, do lago Athieme, gentes vindas do Togo e dos "Cercles" vizinhos.

Próximo ao "Quartier Brésil" encontra-se o "Quartier Maro" que teria sido criado por antigos escravos vindos do Brasil; compunha-se de elementos originários de diversas regiões do Golfo de Benim. Um terreno lhes foi cedido pelo Rei Ghezo para a construção desse "Quartier", e os interessados pagavam tributo ao Rei". A data da fundação deste "Quartier" é mais recente do que a do "Quartier Brésil". A maior parte dos seus habitantes são muçulmanos, o que nos faz crer na possibilidade de terem sido, êses antigos escravos, alguns daqueles deportados do Brasil logo depois da "Revolução dos Malês", em 1835.

Na verdade, a população formada por descendentes de antigos escravos brasileiros do "Quartier Maro" é consideravelmente maior do que aquela residente no "Quartier Brésil", onde se encontra, até hoje, grande parte dos descendentes de Francisco Félix da Souza.

Em um levantamento das antigas famílias africanas de Uidá, realizada por Casimir Agbo ⁽²⁶⁾, das trinta e duas famílias de descendentes de brasileiros citadas por êste autor e espalhadas pelos oito "Quartiers", seis se encontram no "Quartier Brésil"; onze no "Quartier Maro", de onde se conclui que as famílias residentes nestes dois "Quartiers".

Eis aqui os nomes das seis famílias residentes no "Quartier Brésil":

Família DA SOUZA

Família LIMA

Família DA MATHA

Família DIOGO

Família DA SILVEIRA

Família DA COSTA

E as 11 famílias do "Quartier Maro":

Família LISBOA

Família ODE (Seu fundador era originário de Boma, porém preferiu morar em Uidá após seu retôrno do Brasil). Chefe: Marcolino Dias da Conceição.

(25) Arquivos e Pôrto Novo, Daomé.

(26) Agbo, Casimir — dito Alidji, *Histoire de Ouidah*, 2.^a ed., Paris, 1959, p. 109.

Família TOBIAZ

Família RODRIGUES

Família DOMINGO MARCIEL

Família CHAGAS

Família DA MATHA

Família PIEDADE

Família MOREIRA

Família AHI (Chefe Sr. Félix).

Família LIANI AHMEDOU (Iman). Fundador SOUMAILA, originário da Nigéria, levado ao Brasil. Ao seu retorno, ele se fixou em Uidá.

Como quer que tenha sido, Uidá foi, no Daomé, a cidade que mais sentiu a influência da cultura brasileira, resultante do prolongado comércio existente outrora entre esta cidade e a Bahia de Todos os Santos; desta Bahia, que aos olhos dos ex-escravos era a mais importante das cidades brasileiras e lhes servia a designar de uma maneira geral todos os países situados fora da África. Outro fator foi a grande concentração de escravos emancipados que voltando à África ali se fixaram, levando consigo traços da cultura brasileira já africanizada no seu conjunto e que, em contato com a cultura daomeana, se reafricanizaram, se daomeanizaram. Traços que continuam a ser, como nos dizeres de Paul Mercier⁽²⁸⁾, sinais destes laços profundos e complexos que tantos homens hoje, de um lado e do outro do oceano, desejariam ver revividos.

Pôrto Novo, 1968

NOTES ON THE "QUARTIER BRÉSIL" IN DAHOMEY

As an introduction to his writing the Author makes some initial remarks over the return of the Brazilian slaves to Africa. Part of these slaves settled in a "quartier" of Ouidah Town, in Dahomey, founded in 1787 or 1815, according to different sources. Their descendents are known as "brésiliens" or "aguda" and are gathered together in several families that still keep their Portuguese names. The Writer provides a list of those names and indicates the Ouidah urban areas where the former slaves' descendents repatriated from Brazil live nowadays. He closes his article remarking that Ouidah is the town of Dahomey that had the greatest Brazilian influence owing to the heavy trade there was formerly between that locality and Salvador City.

(27) Réclus, Elisée — *Nouvelle Géographie Universelle*, vol. XII, Paris, 1887, Ed. Hachette.

(28) Mercier, Paul — *Civilisation du Bénin*, Paris, 1962.

NOTES SUR LE QUARTIER BRÉSIL AU DAHOMEY

Comme introduction à son article l'Auteur fait des considérations initiales sur le retour des ex-esclaves brésiliens pour l'Afrique. Une partie de ces esclaves se sont établis dans un "quartier" de la ville de Ouidah, au Dahomey, fondé en 1787 ou 1815, selon différentes sources. Leurs descendants sont connus comme "brésiliens", ou "agudá" et se groupent en plusieurs familles qui conservent encore leurs noms portugais. L'Auteur produit une liste de ces noms de famille, en indiquant les régions urbaines de Ouidah où demeurent les descendants des anciens esclaves rapatriés du Brésil. Il finit par observer que Ouidah est la ville dahoméenne qui a subi la plus grande influence brésilienne, par l'effet du très grand commerce qu'il y avait autrefois entre la localité et la ville du Salvador.